**Só o amor dado é amor guardado[[1]](#footnote-1)**

*Uma felicidade que procuramos só por nossa causa nunca pode ser encontrada: pois a felicidade que diminui ao ser partilhada não é suficientemente grande para fazer-nos feliz*.

Thomas Merton, no primeiro capítulo de seu livro “Homem algum é uma ilha”, apresenta-nos onze ricas reflexões a respeito do amor, especialmente relacionadas à partilha do amor.

A primeira delas diz respeito a falsa e momentânea felicidade obtida com a egoísta forma de amar que, inevitavelmente, leva o ser à tristeza. Destaca, então, Merton, a importância do amor generoso, que aumenta com sua partilha, promovendo, assim, a verdadeira felicidade. Lembra-nos, assim, que amar o outro é o melhor modo de se amar, pois “*na atividade desinteressada que melhor realizamos as nossas capacidades de ser e de agir*”. Destaca, porém, a importância do recebimento desse amor desinteressado, concluindo que se faz necessária a partilha do amor para que ele seja conservado, mas o seu verdadeiro recebimento é importante condição para que ele seja “*perfeitamente dado*”.

O segundo ponto levantado por Merton aponta para o fundamental objetivo do verdadeiro amor que é o bem do amado, condição que gera, automaticamente, o bem de quem ama. Assim, esse bem passa a ser desfrutado em sua integridade pelos envolvidos, jamais dividido. Conclui, então, que o amor somente busca o bem do amado, o que seria a verdadeira recompensa de quem ama.

O terceiro aspecto levantado pelo autor diz respeito ao amor fundado na verdade. O verdadeiro amor não pode ser cego, devendo ter a clareza sobre a distinção entre o bem e o mal, pois, segundo o autor, amor às cegas é um processo absolutamente interesseiro, pois não vê prioritariamente o bem do amado. Como o amor cego não busca a verdade, ele tende a ser egoísta, realidade esta mais frequente no nível da paixão corporal.

O quarto ponto refere-se à caridade[[2]](#footnote-2), cuja prudência merece destaque, não se caracterizando pela fraqueza nem pela cegueira. Não há o verdadeiro amor sem que haja desinteresse e sinceridade, jamais centrando seu prazer como um fim em si mesmo.

O quinto ponto trazido por Merton aponta para a verdade como aspecto fundamental para que possamos amar alguém. Tal ponto diz respeito à necessidade de, basicamente, amarmos a verdade moral o que corresponde ao “*destino concreto e a santidade que o amor de Deus quis”* para a pessoa que amamos. Assim, para que eu ame meu irmão faz-se necessário que eu me aprofunde no mistério do amor de Deus. Em suma, o que devo encontrar ao amar meu irmão é o próprio Deus que nele habita.

Já o sexto aspecto apresentado por Merton diz respeito à caridade nos levar além dos nossos desejos. Segundo ele, a caridade nos torna “*um instrumento da Providência divina na vida do próximo*”, pois o nosso verdadeiro amor pode proporcionar a concretização dos desígnios de Deus em quem amamos. Assim, nossa vontade e nosso amor, devem ser instrumentos da vontade divina.

A sétima reflexão refere-se à verdade com que sentimos e nos posicionamos no ato de amar, pois para que amemos com a perfeita caridade precisamos ser verdadeiros com nós mesmos, com os outros e com Deus, pois nosso interesse deve ser sempre a concretização dos desígnios de Deus. Merton destaca neste ponto, a perfeição de cada pessoa, tomando por base sua essência divina, revestindo-se das virtudes de filho de Deus, mas respeitando sempre as características individuais. Assim, também se caracteriza nosso verdadeiro amor, enraizado numa profunda devoção à Providência, deixando os planos de vida nas mãos divinas. Se dessa forma o fizermos, iremos ao encontro do próprio Deus e não somente de uma ideia, de uma imagem, ou de um pensamento.

O oitavo ponto trazido por Merton refere-se à autonomia da pessoa amada como desejo do amor não egoísta, permitindo o afloramento do verdadeiro ser e da personalidade do outro, de acordo com sua expressão original. Lembra-nos o autor que, para o amor interesseiro, a pessoa amada existe apenas como objeto de amor para quem a ama, para os seus próprios interesses, pois este procura sua domesticação e propriedade. Este tipo de amor usurpa a liberdade, a integridade e a autonomia da pessoa amada. Merton chama-nos a atenção para os extremos: de um lado a sempre concordância e a aceitação plena, e do outro a crítica permanente. O amor deve ser verdadeiro, compassivo, e razão permanente de busca do crescimento e da autonomia do outro.

A nona questão levantada diz respeito à importante sustentação da amizade na verdade, algo ensinado pela própria caridade. Com isso, ele distingue a amizade genérica, aquele relacionamento que devemos ter de forma mais universal possível, da amizade íntima, pois a intimidade é algo que nutrimos com poucas pessoas, raros são aqueles com quem temos tudo em comum. Assim, para sermos verdadeiros, devemos nutrir a relação fraterna por todos, assim como Deus a todos ama, mas sermos verdadeiros, desinteressados e dignos, ao alimentarmos as poucas e reais amizades íntimas.

O décimo e penúltimo ponto, como no intuito de resumir todos os pontos levantados até agora por Merton, diz que o destino das pessoas é amarem-se mutuamente como Cristo a todos amou. Alimentando um amor fraterno por todos, mesmo sendo possível desenvolver uma amizade íntima por poucos. Que não nos esqueçamos de que a caridade com o outro é “*uma manifestação de Deus em nossa vida*”.

Merton finaliza seu capítulo com o décimo primeiro item que se refere à liberdade de Deus homenageada pela caridade perfeita. O autor, para tal afirmativa, tomou por base a capacidade de quem ama se dar ao amado com pureza e desinteresse, decorrente do dom recebido de Deus. Nesse processo de se doar no amor, a caridade divina nele inserida é apontada por Merton como o grande banquete do reino dos céus, ao qual todos são convidados, mas nem todos dele participam, em decorrência de ambições pessoais e egoísmo. Como banquete divino, tal caridade não é ávida e é extremamente prudente, pois jamais haverá saciedade e, ao mesmo tempo, devemos dele nos alimentar cada um com a justa medida.

Finalizando, permitam-nos trazer a derradeira fala do autor:

Alimentar a outros com a caridade, é nutri-los com o pão da vida, que é Cristo, e ensinar-lhes também a amar com um amor que não conhece a fome.

Resenha elaborada por Rev. Frei João Milton.

1. Primeiro capítulo do livro Homem algum é uma ilha de Thomas Merton. [↑](#footnote-ref-1)
2. Nas traduções dos textos bíblicos, em diversos momentos encontramos similitude entre o amor e a caridade. Tal fato reside na dificuldade encontrada para a tradução de algumas palavras que não tem significado exato na língua em que se quer traduzir, ou ainda por questões culturais e suas figuras de linguagem específicas. Como exemplo vejamos o versículo 4, do capítulo 13 da primeira carta aos coríntios: “*A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho*”. Se formos ver em latim, encontramos: “*caritas patiens est benigna est caritas non aemulatur non agit perperam non inflatur*”. (G.N.) Com o versículo escrito em latim, podemos associar a palavra “*caritas*” com “caridade”, encontrando a palavra “*caridade*” neste versículo ao invés de “*amor*” em uma das mais respeitadas e conceituadas traduções da Bíblia. Diversos autores preferem usar a palavra “*amor*”, pelo seu fácil entendimento e por trazer maior apelo emocional, mas, por outro lado, “*caridade*” está mais ligado à ação e nem tanto ao sentimento. Assim, pode-se dizer que “*amor é algo que sentimos enquanto caridade é algo que praticamos*”. [↑](#footnote-ref-2)